

**BOLETIM**

**INFORMATIVO**

da

**MISERICORDIA do SARDOAL**



**SANTA CASA DA MISERICÓRDIA  
DE  
SARDOAL**

**II**

## NÃO LEVANTAR FALSOS TESTEMUNHOS!

**A** credulidade que, numa definição demasiado elementarista, talvez se possa reputar como mera atitude passiva da consciência, não representa, contudo, no decorrer da vida prática e quotidiana, um factor de tão simples ou reduzida importância.

Com efeito, nessa sua aparente singeleza, vem a oferecer-nos desde logo duas faces bem distintas, opostas diametralmente e que perspectivam, assim, campos de realidade em absoluta e total dessincronia.

Uma engloba todos os que se limitam a repetir, por aqui e por além, o que viram ou julgaram ter entendido em outros lados, mas sem entrosarem ou imiscuirem no seu descritivo qualquer malevolência ou distorsão com propósitos transfiguradores -agindo, portanto, sem maldade nem propósitos ínvios.

Ao contrário, bastantes outras pessoas existem, infelizmente, que abusam da simplicidade e da boa-fé alheias nelas procurando sempre instilar, de modo arteiro e subreptício, por deliberado propósito e intenção, toda a maledicência possível, visando quase sempre atingir o bom nome e a honorabilidade de terceiros.

Se as primeiras devem merecer-nos algum tanto de complacente desculpa quando, chamando-as à razão, pudermos verificar que a sua incontinência ou desbordamento de linguagem foram, apenas e só, um excesso de loquacidade, sem intenções dúbias nem propósitos reservados, já as segundas unicamente poderão concitar-nos repulsa e nojo pelas insídias que maldosamente, por essa via abjecta, quiseram fazer lançar na opinião pública.

Na verdade, sem consideração para quem quer que seja, desdobrando-se por norma em torrencial verbosidade, difamam, inventam, atoardas e falsidades, destruindo reputações, enlameando a dignidade dos outros -e, até (cúmulos dos cúmulos!) juram falso quantas vezes, para imporem as suas calúnias.

Se quem escuta estas línguas perversas for de carácter recto e são critério, naturalmente que procurará conhecer e documentar-se sobre a verdade dos factos, através de outros meios idóneos de prova, afim de formar um juízo isento e verdadeiro. Mas nem todas as pessoas, mesmo de senso equilibrado e justo, se propõem a esse sensato e judicioso cuidado primário -até, mesmo, por desleixado comodismo ou preguiçosa negligência.

E, então, quando os ouvintes não possuírem grande formação de base, seja por insuficiência de cultura ou por estarem inseridos em estratos sociais de mais deficiente e frouxa sensibilidade, mal lhes chega aos ouvidos uma novidade menos vulgar ou que envolva qualquer pretensão escândalo, irão logo, levianamente, espalhar tudo quanto ouvirem, acrescido já de novos pormenores e deformações, reelaborados pelas suas mentes doentias -numa cumplicidade, afinal, de quem não avalia as consequências do mal que pode causar ou que, adivinhando-o, nele se com-praz maldosamente.

É fundamental, pois, que a nossa honestidade e prudência nos levem a meditar um pouco sobre tantas atoardas e iniquidades que nos pretendem inculcar a toda a hora, principalmente em meios pequenos como o nosso, e que ponhamos de remissa boatos e insinuações torpes até que possamos saber a sua autenticidade -e, mais, quem os inventou e pretendeu lançar a público.

Quase sempre na sua origem, e habilmente camuflados, se poderiam detectar despeitos mal feridos, vaidades recalçadas por se não terem podido exhibir, ou, mesmo, frustrações reprimidas ( não raro, até, de mal contida histeria), quando não, ainda, complexos de inferioridade, ânsias de condutismo, fremências de mando e de tutela sobre as massas.

## Nossos Irmãos OS IDOSOS

É fundamental que os apoiemos nesta fase da vida em que, por vezes, surgem delicados problemas de adaptação.

E não deverá esquecer-se, ainda, que esses Irmãos mais velhos representam um caudal preciosíssimo a aproveitar em benefício da comunidade. Pode estar neles, com efeito, uma das vertentes do ressurgimento da pobre nação portuguesa.

Sangrada e debilitada como ela se encontra, seria imperdoável e insensato que se desprezassem as virtualidades e a experiência dos mais velhos!

Não, evidentemente, atropelando ou sobrepondo-se às camadas "activas" da população, mas confiando-lhes tarefas em que possam e queiram apicar as suas aptidões e realizarem-se.

O pior que pode acontecer aos que atingiram uma idade avançada é sentirem-se marginalizados, inúteis, arrumados em definitivo. Seria de todo imperdoável que lhes deixássemos criar um tão desalentado pensamento. É mister dispor-lhes situações em que continuem a sentir-se "vivos", aplicados em qualquer objectivo correcto e digno.

Ninguém escapa à lei da Vida, somando anos, uns após outros. Pode é evitar-se que, embora sendo idoso, o indivíduo se torne, efectivamente "velho".

Ser idoso é ter vivido muito -ser velho é tornar-se um peso para os outros e para a sociedade. Que tenhamos idosos é inevitável -e, ainda bem quando assim acontece, pois estamos em presença de uma boa resistência física das populações. O que devemos fazer é que, de entre eles, somente a mínima percentagem possível seja de... "velhos".

de: ~~— voz Misericórdias —~~

(excertos de um artigo)

— Para facilitar as ofertas

No intuito de facilitar as ofertas a enviar para esta Misericórdia pode-se desde agora depositar em qualquer agência da CAIXA GERAL DE DEPOSITOS neste nosso número de conta:

MISERICÓRDIA DE SARDOAL

CONTA N.º 503 - C - 16

# NOTÍCIAS...

## ...HISTÓRICAS

### MOINHOS

&

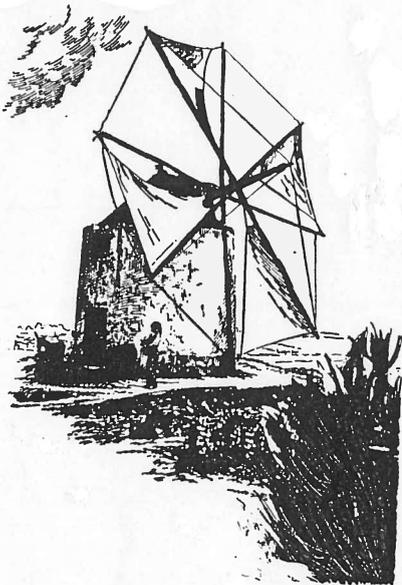
### AZENHAS



Os MOINHOS -que saudade!

Essas velhas sentinelas, perfiladas no alto dos outeiros, dominando as veigas e as planícies por além fora, e que desde muito longe nos iam fazendo uma saudade amiga e prazenteira, num cumprimento largo das suas velas adiantadas, são já uma relíquia do passado -embora ainda bem viva na nossa lembrança.

Foram a máquina primitiva que nos facultou o pão, e se manteve durante a lonjura dos séculos em fora, com as suas companheiras paralelas, as azenhas, detendo, quase em "monopólio" o fabrico da farinha.



Por isso hoje nos dá pena quando topamos com algum desses velhos moinhos, quase sempre desmantelado e a ruir, paredes desmoronadas, os paus das velas corcoidados pelo tempo, as mós arrancadas e partidas... desde que máquinas infinitamente mais poderosas e modernas chegaram, para se apoderarem do bom trigo loiro, -como outras, igualmente, deveriam aparecer, entretanto, para substituir os braços robustos dos amassadores.

As fábricas de moagem do cereal, com os seus engenhos trituradores, as suas instalações cada vez mais modernas e sofisticadas, quase mataram o moleiro, que ficou ainda uns tempos no cume dos mon-

• Continua na página seguinte

# DESFAZENDO DÚVIDAS

Confrontando a lista actual dos Corpos Sociais da Misericórdia do Sardoal com a aprovada na Assembleia Geral de 27 Setembro 1983, verifica-se a ausência de 8 unidades. Dois desses nomes correspondem aos dos nossos prezados Irmãos falecidos em 1974 (Alvaro Pereira e Manuel Lopes Alpalhão); os restantes membros, que não figuram actualmente no elenco, foram pedindo escusa dos seus cargos, embora continuem com o estatuto de "Irmãos da Misericórdia".

Como facilmente se deduzirá, o trabalho de uma equipa maior passou a estar confinado, assim, a um grupo bastante reduzido -isto, numa altura em que os problemas da Misericórdia são bastantes (e, alguns, de certo modo graves) e se desdobram por diversas áreas específicas, de actuação cada vez mais sobrecarregada.

Talvez não venha a despropósito recordar, agora, que numa terra, como o Sardoal, em que toda a gente gostou sempre de criticar não só as Instituições do meio (quaisquer que sejam os fins que têm em vista, ainda os mais nobilitantes e meritórios) como, também, os homens que as dirigem ou orientam (por mais rectos e isentos que se apresentem os ideais que procuram defender) houve sempre, igualmente, em estranho e absurdo contraponto, uma grande inacção e um marcado desinteresse de muitos dos seus naturais em sacrificarem-se, mesmo pouco que seja, pelos assuntos da comunidade.

Com efeito, muitas Associações da Vila, e mesmo do concelho, que ao longo dos anos se formaram, ou vieram a perecer dentro em pouco, ou não passaram de uma vida efémera, por esmorecimento ou desmotivação dos seus responsáveis -que, em grande parte dos casos, entenderam que trabalhar a bem do povo (mesmo nas horas vagas ou de lazer) não será compensador e pode obrigar a sacrifícios e incomodidades.

Essa é, na verdade, uma velha pecha da terra, e que obstinadamente continua a manter-se viva e actuante, sem grandes vislumbres de recessão. Com efeito, tal imobilismo apresenta ainda, na época actual, fortes raízes em certas camadas e há-de custar a ser erradicado de todo -até porque se apresenta como uma espécie de herança atávica. De facto, mergulha suas raízes no passado e vem-se propagando através das gerações como se fora seqüela ou estigma de alguma moléstia incurável, transmitida pelos genes da hereditariedade.

Dos bastos exemplos que, a tal propósito, se poderiam recolher no historial da Vila, retire-se um, ao acaso, mas que serve de amostragem bem ilustrativa do que se vem referindo:

"Quem observar detidamente os limites geográficos do concelho do Sardoal, estabelecidos pela carta régia de D. João III, dada em Évora aos 10 de Agosto de 1532 (cerca de onze meses após o monarca ter elevado esta terra a sede municipal) e os conferir com os actuais, pasmará de admiração ao ver a grande área de superfície que falta ao património do concelho.

Pois esses territórios que haviam sido concedidos, de direito e de facto por aquele diploma do referido monarca, foram-nos sendo subtraídos ao longo dos séculos por gente de outros concelhos limítrofes -ou a pouco e pouco ou (como sucedeu mais do que uma vez) por movimentos de alardeada anexação. Os sardoalenses dessas épocas decerto que terão sentido a afronta de tais roubos, à descarada. É mister fazer-se-lhes essa justiça. Mas, infelizmente, não se conhece qualquer notícia escrita de que se tenham unido em movimento devidamente organizado para reaverem o património de que estavam a ser esbulhados, nem ficou relato algum (pelo menos que possa ser documentado) de que se houvessem empenhado, com denodo e insistência junto dos poderes constituídos para que a força da Lei levasse esses relapsos a restituírem o que nos haviam subtraído.

E desse modo o concelho de Sardoal se viu reduzido à estreita área que hoje apresenta, desfalcado que ficou de uma grande porção do território que lhe pertencia!"

Esta evocação histórica, aliás pouco abonadora dos brios regionalistas, veio aqui a propósito, única e simplesmente, para deixar em relevo aquele espírito de comodista passividade local, de que se vem falando -e que, até mesmo em ocasiões de extrema gravidade, como as que se deixaram relatadas, não reagiu com o "elan", o aferro e a pertinácia que bem seriam de desejar.

Deixada, porém, esta incursão marginal e voltadno de novo ao caso vertende das deserções na Misericórdia: -constou, pelo menos nos sítios habituais das conversas da terra, que teria havido diferenciação de pontos de vista e perspectivas não-convergentes sobre alguns assuntos e temas relativos à Instituição, e que daí teriam surgido os abandonos de tais Irmãos. Esses "jornais de caserna", sempre passados de boca em boca, com acrescentamentos e aposições ("quem conta um conto... sempre lhe acrescenta um ponto") vieram a fazer carreira, durante certo tempo e foram, mesmo, habilmente explorados por certos arrivistas da baixa política local, que nunca se conformaram com o alto crédito e justo renome que a Santa Casa da Misericórdia vem fruindo, pela sua extremada dedicação à causa dos pobres, dos idosos, dos inválidos, dos marginados -enfim, de todos os infelizes, num contexto geral.

• (Continua na pág. 4)

• Continuado da página anterior

tes, olhando as veredas por onde outrora o velho burro subia com os sacos do cereal e, no dia seguinte, retornava aos povoados, com os foles atulhados da farinha branca e leve.

Mas a freguesia fora rareando em rápida debandada e o progresso matava a tradição: -os velhos moleiros foram vendo cair, a pouco e pouco, os seus baluartes. E era um dó vê-los abandonar com desgosto a sua tebaida e, com uma saude profunda deixarem a sua ocupação de tantos anos, quantas vezes passada de pais a filhos, num largo encadeamento de gerações!

E esses vetustos moinhos, de velas alvas desfraldadas ao sopro dos ventos, no alto dos montes e outeiros, não passam hoje de respeitadas curiosidades de um passado, cada vez mais a esfumar-se na penumbra das nossas recordações!

Na sequência desta incursão pelo passado desenvolver-se-á, a propósito, num dos próximos nos. um pacto curioso e original, celebrado entre a Misericórdia e os Moinhos e Azenhas do Concelho, o qual sempre se pautou pela melhor harmonia entre essas entidades.

- M.

## DESFAZENDO

(Continuação da pág. anterior)

## DÚVIDAS

Ainda hoje, alguns comentários de tal maneira reafabulados que nada têm a ver, já, com a realidade, se ouvem por aqui e por além, quando eventualmente surge na baila alguma referência às realizações da Misericórdia. Razão tem o velho ditado quando proclama: -"sempre a erva daninha medrou mais do que a boa semente...".

Sem descer, no entanto, a pormenorizações escusadas, deve dizer-se, mesmo assim, que parece descabido e algo insensato tomar como argumentos válidos e certos todos esses pretensos "esclarecimentos" em circulação, veiculados por pessoas que até se julgam bem informadas... Com efeito, ninguém de senso equilibrado poderá vencer-se de que simples e ocasionais desencontros de pontos de vista e de opinião sobre assuntos de grande responsabilidade, como são quase todos os que se prendem com os problemas respeitantes à vida da Misericórdia e à sua acção caritativa e assistencial (cada vez mais vasta e ampliada pelas necessidades que lhe batem à porta todos os dias e, também, em cada dia que passa, mais tolhida pelos espartilhamentos do Estado socialista em que temos vivido e pelas suas Autoridades subservientes) pudesse, de alguma forma, criar amós, ferir susceptibilidades, suscitar rivalismos, estabelecer quizílias e, sobretudo, levar a abandonos!

Os pobres, os necessitados, os anciãos (e quantos deles não são inválidos!), e de um modo geral todos os infelizes e desprotegidos deste concelho, que a Misericórdia assiste, protege e ampara tão carinhosamente e até ao limite das suas possibilidades, deverão merecer sempre a nossa dedicação e caridade. Seria um total absurdo que eventuais e simples desfazamentos de opinião ou formas de sentir algo diferenciadas sobre a melhor solução para os problemas que se interpõem e que, pelo diálogo e pela persuasão se podem tornar, em grande número de casos, susceptíveis de concordância e apaziguamento, se viessem a repercutir gravosamente na assistência a tantos infelizes que, com desesperada ansiedade, esperam de nós a possibilidade de sobreviver. E uma dura verdade deve aqui ser dita, agora, e a inteiro propósito: no nosso concelho já HÁ FOME! A Misericórdia chega com frequência apelos bem dolorosos. E, nesta Casa, jamais se disse "NÃO" a uma necessidade!

Fossem quais fossem, pois, as motivações de base que ditaram aqueles afastamentos (que, aliás, não foram feitos em bloco e se processaram em ocasiões distintas e espaçadas) deve fazer-se a justiça

de pensar que teriam sido outros motivos mais razoáveis e nunca iriam basear-se em causas tão pueris ou caprichosas, que descambassem em questões ou animadversões, tanto mais que durante o desempenho dos seus cargos nesta Santa Casa todos demonstraram, sem qualquer excepção, serem prestimosos colaboradores, íntegros e probos, tendo servido a Misericórdia com o maior apuro e dignidade,

Talvez haja quem confunda firmeza com intolerância, perseverança com obstinação. Mas são conceitos bem diferenciados e que têm campos específicos na sua aplicação prática. Seria bom, por isso, que certas pessoas deficientemente esclarecidas não fizessem extrapolações erradas, que podem ir bulir com o respeito que todos os cidadãos devem merecer uns aos outros. E, neste nosso meio, em que por sistema se continua ainda a dizer mal de (quase) tudo, ao menos que se respeite o bom nome do nosso semelhante. Até porque nunca sabemos o que nos pode vir a acontecer, também a nós, um dia mais tarde...

Quanto aos Irmãos que pediram escusa da sua colaboração directa (e alguns tinham prestado serviços assinalados a esta Casa!) espera-se que, após um período de descanso razoável, possam vir a retomar as suas funções nesta "CASA DE MISERICÓRDIA", que só existe para fazer o BEM!

## NÃO LEVANTAR FALSOS TESTEMUNHOS

- Continuado da página 2

Para sermos coerentes conosco-próprios, sempre reconhecamos este desonesto proceder dos que abusam da credulidade dos mais simples e se aproveitam da sua ingenuidade ou subserviência para os fazerem joguetes e "marionettes" nessas campanhas de mistificação, afastemo-los do nosso convívio, da convivência fraterna da nossa intimidade. E, se a caridade cristã, não permite que hostilizemos pura e simplesmente esses falsos profetas e os enxotemos para o largo (como as leis da Antiguidade mandavam fazer aos atacados de lepra) tenhamos, pelo menos, o cuidado higiénico para não nos deixarmos contaminar pela sua pegonha.

E, complementarmente, aos atingidos e às vítimas desses boatos traiçoeiros, que tantas vezes se vêm envolvidos em graves problemas de vida pela calúnia acintosa que foi posta a correr com premeditada e pífida intenção, prestemos-lhe todo o apoio e estima que estiverem ao nosso alcance e façamos o máximo que em nós caiba pela sua reabilitação. As vezes é um trabalho difícil e moroso, mas que a uma consciência bem formada se impõe como dever gritante e premente. E bem sabemos todos que, se é bem fácil fazer cair uma reputação sólida num minuto, já soerguê-la, mesmo com todo o apoio da razão e da justiça é, tantas e tantas vezes, um trabalho de muitos e muitos anos!

• JUDITE AUGUSTA DE LEMOS PEREIRA